



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 3/2024
SESSÃO
EXTRAORDINÁRIA
DE 25-04-2024**

“Nos termos do art.º 56.º do anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das decisões”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 3 da Sessão Extraordinária de 25-04-2024

LOCAL - Grande Auditório do Centro de Artes e Espectáculos-----

DATA -25 de abril de 2024-----

INICIO - Dez horas e quinze minutos-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

PRESIDENTE - José Duarte Pereira.....PS

1ª SECRETÁRIA - Ana Margarida Pinto da Cunha.....PS

2ª SECRETÁRIA - Júlio César da Costa Loureiro.....PS

MEMBROS - Rosa Maria da Costa ReisFAP

João Raul Henriques Sousa Moura PortugalPS

David Manuel Fajardo AzenhaFAP

Mafalda Reis de AzevedoPS

Teotónio Paulo de Jesus CavacoPSD

Edgar José Pedrosa GonçalvesFAP

José Fernando Guedes CorreiaPS

José Augusto Fernandes MateusFAP

Maria Isabel Cardoso Guardão TavaresPS

Joaquim Francisco da Silva PereiraFAP

Victor Manuel dos Santos MadalenoPS

Manuel Fernando Rascão MarquesPSD

José António Borges LigeiroFAP

Célia Maria da Silva MoraesPS

António Graça LapãoFAP

Isabel César PereiraPS

Micaela Miranda DurãesFAP

António José Mendes da Fonseca Marques AntunesPS

Adélia Maria Ramos BatataPSD

Gonçalo Andrade de OliveiraFAP

Maria Adelaide Gaspar GonçalvesCDU

Carlos Miguel da Silva MargatoFAP

Pedro Miguel da Silva Ribeiro JorgeBE

PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA

(Alhadas) Jorge Manuel Bugalho da SilvaPS

(Alqueidão) Clarisse da Silva Ferreira OliveiraPS

(Bom Sucesso) Pedro Manuel Figueiredo QuinteiroPS

(Buarcos e São Julião) Rosa Maria Martins Ferreira BaptistaFAP



(Ferreira-a-Nova)	Susana Maria Rodrigues Oliveira MonteiroPS
(Maiorca)	Rui Pedro Pinto FerreiraPS
(Marinha das Ondas)	José Alberto Jordão SuzanaPS
(Moinhos da Gândara)	Gilberto Fajardo OliveiraPSD
(Paião)	Graça Maria Carvalho de OliveiraFAP
(Quiaios)	Cristina Manuela Beato Figueiredo FerreiraPS
(São Pedro)	Jorge Aniceto Pimentel dos SantosPS
(Tavarede)	Fernando António Martins LopesPS
(Vila Verde)	Vítor Manuel Gonçalves AlemãoPS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

COMUNICAÇÃO DE AUSÊNCIAS

Francisco Nuno Costa de Melo Biscaia, José Manuel Cunha Carvão, Carlos das Neves Batata, José Coelho Henriques da Silva, Ricardo Manuel Rodrigues Santos, Isabel Cristina Guerreiro Pimentel Maia, José Alberto da Silva Carvalho e Silvina da Silva Fonseca Anadio de Queiroz.-----

SUBSTITUIÇÕES

Francisco Nuno Costa de Melo Biscaia por Isabel César Pereira, José Manuel Cunha Carvão por António José Mendes da Fonseca Marques Antunes, Carlos das Neves Batata por Pedro Manuel Figueiredo Quinteiro, Ricardo Manuel Rodrigues Santos por Cristina Manuela Beato Figueiredo Ferreira, Isabel Cristina Guerreiro Pimentel Maia por Carlos Miguel da Silva Margato, José Alberto da Silva Carvalho por Graça Maria Carvalho de Oliveira e Silvina da Silva Fonseca Anadio de Queiroz por Maria Adelaide Gaspar Gonçalves.-----

FALTAS JUSTIFICADAS

Paulo Henrique Nisa Mariano.-----

As cerimónias iniciaram-se junto ao Centro de Artes e Espectáculos, com o Hastear da Bandeira Nacional, sendo a guarda de honra prestada pelos Bombeiros Sapadores e Voluntários da Figueira da Foz, e o Hino Nacional tocado pela Filarmónica da Sociedade Filarmónica Paionense. De seguida, as pessoas deslocaram-se para as instalações do Grande Auditório do Centro de Artes e Espectáculos, onde decorreu a Sessão Extraordinária comemorativa do 50.º aniversário do 25 de Abril.-----

Já no Grande Auditório do Centro de Artes e Espectáculos teve lugar uma performance do tema «Grândola», articulada em dezembro, entre a Assembleia Municipal e o Conservatório de Música David de Sousa, para a qual foram



convidadas as Filarmónicas da Filarmónica Quiaense, Sociedade Musical Recreativa de Alqueidão, Sociedade Filarmónica Figueirense e Sociedade Boa União Alhadense. Logo de seguida, pôde assistir-se a um documentário sobre o 25 de Abril na Figueira da Foz, evocando quatro personalidades da Democracia Figueirense.-----

O Presidente da Assembleia Municipal chamou para o palco todos os elementos que integravam a Mesa desta sessão solene.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Santana Lopes, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Professor Doutor João Nuno Calvão da Silva, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Fernando Góis Moço, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Presidentes de Junta, Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal, Jovem Representante do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Paionense, Maestro e demais elementos do Coral David de Sousa, Senhora e Senhor docentes do Conservatório de Música David de Sousa, Nathalie Gal e Hilton Costa, que teremos o prazer de ouvir no final desta sessão solene, Senhoras e Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz Comemorativa do quinquagésimo Aniversário da Revolução do 25 de Abril.---
Dou a palavra ao orador convidado, Professor Doutor João Nuno Calvão da Silva."--

PROFESSOR DOUTOR JOÃO NUNO CALVÃO DA SILVA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Celebramos hoje o 50.º aniversário da revolução de 25 de Abril de 1974.-----
Não vou aqui repetir lugares comuns sobre este marco decisivo da nossa História, sobre a importância que teve para a nossa liberdade e para hoje vivermos em democracia.-----

Prefiro salientar que são cada vez mais aqueles que ainda não tinham nascido quando o 25 de Abril ocorreu, algo frequentemente esquecido. Prefiro alertar para o facto de grande parte dos jovens de hoje não saberem o que foi o 25 de Abril ou sequer o que esta data significa para Portugal. Entre os mais novos há uma imensa ignorância de quem foram os principais protagonistas da Revolução dos Cravos, um preocupante alheamento relativamente ao que era viver num regime autoritário.-----

O 25 de Abril não é monopólio de uma força política nem de uma geração. Ao



pensar no sentido atual da evocação desta efeméride não podemos, pois, deixar de ter em mente que o 25 de Abril é cada vez mais dos que não o viveram e que a sua comemoração só faz sentido com a juventude no horizonte.-----

Enquanto Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, conheço bem os jovens e neles tenho enorme esperança. A nova geração é qualificada e dinâmica. Temos na Alma Mater das Universidades de Língua Portuguesa - recentemente com um importante Campus nesta bela cidade (saúdo aqui o Dr. Pedro Santana Lopes pela visão estratégica demonstrada!) - jovens investigadores de excelência mundial, jovens empreendedores de projetos com impacto elevatório na Sociedade, jovens voluntários em causas de imensa sensibilidade social.-----

Não deixando de elogiar, justa e merecidamente, os jovens, impõe-se, porém, refletir sobre inequívoco distanciamento destes relativamente à política. Em nome do cabal cumprimento do 25 de Abril, é insuficiente descansarmos ao abrigo das ideias de que os cidadãos em geral e os mais novos em particular, têm a democracia como dado adquirido e dedicam o seu tempo a outros interesses. O 25 de Abril não estará nunca completo nem o futuro então sonhado alguma vez se concretizará se não formos capazes, enquanto comunidade, de reconciliarmos os jovens e toda a comunidade com a vida política.-----

No contexto de uma sociedade em evolução constante, rápida e profunda, o modelo democrático tem forçosamente de ser dinâmico e adaptar-se às novas realidades, em nome da sua própria sobrevivência enquanto regime político. Os cidadãos, em especial os jovens, parecem indiferentes quanto ao futuro do seu país, porque não acreditam na vida política e desconfiam dos partidos políticos. É absolutamente fundamental para a democracia promover um eficaz combate à despolitização da vida pública.-----

Na democracia representativa europeia, ancorada no princípio da separação dos poderes, a legitimidade popular do poder executivo é garantida através da fiscalização parlamentar da atividade administrativa. Destarte, salvar a democracia implica a salvaguarda do clássico princípio da responsabilização governamental ante o Parlamento, reconhecendo os instrumentos da democracia direta (apenas) como elementos de apoio, complementares, da tradicional democracia representativa.-----

Consideramos importante a adoção de procedimentos abertos, transparentes e participados, mas não podemos admitir a superação da legitimidade político-representativa, chave dos sistemas democráticos ocidentais, por pretensões de



autorreferencialidade ancoradas em valores como a imparcialidade e a eficiência. O apelo sub-reptício à democracia ateniense promove a governação por especialistas ancorada na participação direta dos cidadãos, com os experts a assumirem crescentemente o lugar dos políticos na gestão da causa pública, como se a competência, o profissionalismo e a sagesse moral fossem exclusivos dos técnicos. Impõe-se devolver o protagonismo da ação pública à política: só esta pode temperar a fúria do mercado selvagem e salvar as democracias da implosão.-- A hodierna despolitização significa o triunfo da economia sobre política. A disciplina dos mercados por critérios não políticos é entendida como a melhor forma de assegurar o progresso da sociedade. No entanto, sem prejuízo da indispensabilidade da preparação científica nas decisões, a palavra final tem de repousar sempre no decisor político, por razões de legitimação democrática.----- Recusamos a tendência dominante do domínio da técnica e da ciência sobre a política, mantemo-nos fiéis à clássica ideia democrática de que todos possam decidir tudo: reservar as decisões em determinadas matérias a sábios a pretexto de tecnicidade das matérias é, no fundo, restaurar a arcana imperii dos absolutistas, excluindo o povo das escolhas para o seu próprio bem!----- Temos por essencial que a imputabilidade de qualquer exercício de autoridade pública radica, em última análise, na vontade coletiva, com a proeminência da visão política sobre a gestão científica e a supremacia da política sobre a tecnocracia. Nada deve sobrelevar o reforço da democracia representativa, porquanto, sob a capa sexy da (maior) democraticidade direta, apenas se legitima o Governo dos lobbies e a preponderância do poder económico sobre o poder político, sérios riscos para o regime democrático.----- Na verdade, o aprofundamento desproporcionado da democracia direta apresenta claros riscos de colonização totalitária do Estado pelos diversos grupos de interesses, com uma igualização do Estado e da Sociedade perigosa para a ideia de autoridade pública e do próprio Estado de Direito. Em outra formulação, uma governança accountable e pluralista, com o envolvimento dos stakeholders, por mais virtuosa que possa parecer, não pode substituir ou dispensar o governo democrático: não deve, pois, deixar de ser vista como second-best, com função meramente suplementar ou complementar do circuito representativo democrático tradicional.----- A mera participação deliberativa dos cidadãos e das organizações societárias na deliberação política não pode substituir a conexão legitimadora baseada em



eleições, constituindo, neste sentido, a participação apenas um meio de tornar mais efetiva a legitimidade representativa e democrática.-----

De outro modo, a substituir-se o efeito disciplinador do direito de sancionar eleitoralmente o poder público por mecanismos vários de accountability e processos de governança multinível participados, pomos em causa o clássico princípio de «um homem, um voto» e enfraquecemos o governo democrático.-----

É que, reconhecendo embora como extremamente enriquecedor o envolvimento dos atores sociais no processo de elaboração de políticas públicas, uma maior participação de grupos interessados em dada área não significa necessariamente aprofundamento da democraticidade. Com efeito, o envolvimento de grupos sociais vários no processo decisório acarreta mais um governo dos interesses (mais bem) organizados no interior da sociedade civil do que verdadeiramente um governo pelo povo, razão pela qual, reconhecendo as vantagens decorrentes da maior participação e abertura aos destinatários nos diversos procedimentos de decisão pública, considera-se a representação democrática tradicional insubrogável.-----

Vivemos num tempo em que as decisões são crescentemente transferidas para tecnoestruturas, algo equiparável a outra forma de ditadura: por isso, na coeva 'sociedade do conhecimento' é urgente repensar o exercício democrático do poder, a estruturação do Estado e de outros entes públicos, o modo de realização do direito! Evitar a implosão da democracia pressupõe a «ressurreição da política» (Alain Minc), respaldada no voto popular, e não a defesa da governação da tecnocracia.-----

Somos claramente contrários à governação da causa pública por experts. Recorremos a conceituado autor norte-americano, Martin Shapiro, quando este, com refinada ironia, afirma e passo a citar: «o que cria a credibilidade é a desatenção. Quando o público não se importa com algo, a informação dos especialistas é credível. Logo que o público se importa com algo, a informação dos especialistas torna-se simplesmente em outro argumento da luta política».---

Em suma: as novas burocracias técnicas são o resultado de uma retirada geral de confiança do público nos governos (eleitos). Para a política reassumir o papel primordial no governo da res publica, torna-se indispensável, por isso, a credibilização dos partidos políticos e a revalorização da função representativa. Sem isto, o fosso entre os jovens, a comunidade e a política será cada vez maior. E o futuro e a democracia não estarão à altura dos nossos heróis de Abril.-----



Mas a reconciliação entre os jovens e os cidadãos em geral com a política passa inevitavelmente por lhes dar esperança. Esperança num mundo com igualdade de oportunidades, esperança no funcionamento do elevador social pelo mérito, esperança num futuro melhor.-----

Ora, os nossos jovens vivem em casa dos pais até cada vez mais tarde, dependem da ajuda dos ascendentes para complementar os seus salários de mil euros... - quando encontram empregos! Não esperam um dia ter pensão de reforma (significativa) que lhes permita viver o fim de vida com a tranquilidade merecida. Não há esperança de que as coisas mudem, não há esperança de que o dia de amanhã seja melhor. E com a desesperança emerge a revolta...-----

A globalização falhou: as crescentes desigualdades entre ricos e pobres e o aumento preocupante da pobreza extrema minam a coesão do tecido societário e abalam a crença na igualdade de oportunidades, pressuposto mor de um regime (capitalista e liberal) inspirado no ideal da Justiça. Lay-offs, despedimentos, falências... enfim, miséria social é a certeza de hoje e dos anos vindouros.-----

Uma globalização injusta e desregulada constitui terreno fértil para demagogos, populistas e extremistas tomarem as rédeas do poder, caso as lideranças políticas atuais não arrepiem caminho e demonstrem a coragem e o sentido de responsabilidade necessários. Assistimos a profundas mudanças, a pôr em causa a qualidade do regime democrático em vários países ou mesmo a sobrevivência de organizações internacionais como a União Europeia. Projeto político garantidor de paz (num continente assolado no século XX por duas Guerras Mundiais) e de prosperidade (quantas pessoas não perdem a vida em busca do sonho europeu?...), a União Europeia encontra-se, uma vez mais, num momento crucial, em altura de tudo ou nada: ou aprofundamos a integração europeia (por exemplo, através da conclusão da União Bancária, da criação de uma verdadeira União Orçamental ou de uma efetiva União Política com uma robusta defesa comum) ou a União definhará até implodir.-----

Além da correção das assimetrias económicas, sociais e territoriais, as mudanças climáticas e energéticas impõem que União Europeia lidere, de modo inequívoco e corajoso, o processo de reformas ambicioso de que o planeta carece e as gerações futuras reclamam..., ao invés de permanecermos em negacionismos de evidências científicas à moda de Donald Trump, é imperativo prosseguir na esteira do Presidente Macron e acelerar o mais ambiciosamente possível os objetivos conducentes a sustentabilidade ambiental (no quadro multilateral dos Acordos de



Paris). Sem radicalismos ou fanatismos, mas com sentido de urgência.-----
Em tempo de guerras, também comerciais, a União Europeia deve constituir-se como o farol da liberalização do comércio internacional (no quadro multilateral da Organização Mundial do Comércio)... na esteira de uma globalização regulada, em que a troca dos benefícios da celebração de acordos com a União, os Estados terceiros tenham de cumprir importantes standards de ordem ambiental, social, ou de respeito de direitos fundamentais.-----

No contexto do inverno demográfico ocidental, os imigrantes podem constituir a solução e não ser perspetivado como (causa) de problemas... a capacidade de integração é a chave do problema, a convocar a solidariedade (cristã) que fundou o espaço comunitário e abordagens conjuntas sérias de um problema comum, de toda a União, de todo o mundo.-----

A inovação tecnológica galopante dos nossos tempos (acelerada com a Covid 19) comporta inevitavelmente profundas modificações nos regimes políticos, nas ordens jurídicas, económicas e sociais por todas as latitudes mundiais... também neste aspeto, a Europa tem de estar na vanguarda da resolução dos novos problemas inerentes à robótica e à inteligência artificial, com adequadas respostas ao nível da ética, da proteção da privacidade e da liberdade ou através de reações humanistas à previsível destruição líquida de empregos.-----

Se as lideranças não souberem enfrentar os desafios acabados de expor, o fim da democracia e do sonho europeu é o cenário mais provável. Não se trata de pessimismo, mas de saber ler os sinais que os cidadãos europeus nos vão (claramente) transmitindo, os perigos rectius os ismos, que ameaçam a sobrevivência da União Europeia. São eles:-----

- (Ressurgimento de) nacionalismos-----

O Brexit e a Catalunha são apenas os exemplos mais claros da desagregação de um projeto... federador, de integração europeia; ou tentamos compreender, com seriedade e sem demagogia, as causas que levam as populações a preferirem o retorno às muralhas nacionais ou à caixa de Pandora vai rapidamente abrir-se e as guerras suceder-se-ão.-----

- (Crescimento dos) populismos e dos extremismos-----

Se fizermos um esforço sério para entender os cidadãos europeus, a maioria silenciosa e moderada da população será cada vez mais atraída por discursos que exploram de forma rasteira os seus (legítimos) receios, a resultar em revolta social e na ascensão (pelo voto) de partidos extremistas aos Governos ou, pelo



menos, com capacidade de influenciar os destinos políticos de diversos Estados. O enfraquecimento dos partidos históricos (máxime o Partido Socialista francês) tem de ser objeto de reflexão profunda.-----

No momento atual de incerteza, de desesperança e de revolta, se as lideranças europeias não forem capazes de contrariar o medo dos seus cidadãos de modo responsável, então uma globalização justa e regulada ou mesmo a paz não passarão em breve de meras utopias.-----

É tempo de atuar. O Futuro não pode mais ser adiado. Temos de comemorar o 25 de Abril sem resignação, com o inconformismo dos que lutaram pela liberdade e pela democracia contra todas as formas de opressão... Com empenho cívico, em especial das novas gerações, podemos ter Esperança numa vida pública mais ética, exigente e competente. Esperança num modelo de Estado Social sustentável. Esperança num mundo menos desigual e mais justo.-----

Viva o 25 de Abril."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante da Associação 25 de Abril, Coronel Fernando Góis Moço.-----

CORONEL FERNANDO GÓIS MOÇO: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Exm.º Senhor Orador convidado, Exm.ºs Senhores deputados municipais, Caros autarcas, entidades civis, militares e religiosas, Exm.ºs Senhores Convidados, a todos saúdo e cumprimento.-----

Estamos a chegar ao 50.º aniversário do dia em que, interpretando os sentimentos do povo, os Capitães de Abril libertaram os portugueses de uma ditadura, repressiva e retrógrada e puseram fim a uma longa, injusta e inútil guerra colonial, que os ditadores impunham, recusando a procura de soluções políticas para o conflito que, teimosamente, diziam ser feito em nome de uma civilização ocidental e cristã, quando os próprios ocidentais e cristãos a repudiavam há muito tempo.-----

Uma libertação que abriu as portas à Democracia, para que os portugueses exercessem os mais elementares direitos de cidadania de que há muito estavam privados e que lhes garantiu que fizessem as suas escolhas políticas, que têm permitido que o país voltasse a ser respeitado na comunidade internacional e que caminhasse para a construção de uma sociedade mais livre, desenvolvida, justa e solidária.-----

Com aquele «dia inicial, inteiro e limpo» como se lhe referiu Sofia de Melo



Breyner, abriram-se também as portas a uma intensa participação popular que, apesar das contingências e da complexidade do percurso então percorrido, permitiu a consolidação de um regime democrático e a construção de um Estado de Direito assente nas regras definidas numa nova Constituição, que pode ser vista como a maior das realizações dessa gesta popular, que os libertadores possibilitaram, acarinharam e defenderam.-----

Simultaneamente, estamos a chegar ao 42.º aniversário de uma instituição - a Associação 25 de Abril - fundada pelos Militares de Abril que, dando continuidade à sua ação libertadora, se congregaram, chamando todos os cidadãos, nacionais ou estrangeiros, que se quisessem envolver na defesa e manutenção dos valores com que se haviam comprometido, perante Portugal e o mundo.-----

Hoje, vivemos tempos de incerteza e enorme preocupação, no que respeita a esses valores - Liberdade, Paz, Democracia, Justiça, Igualdade.-----

A instabilidade internacional e as guerras continuam muito ativas e ameaçam alastrar, mesmo à nossa porta.-----

Novos ditadores estão no terreno ou ameaçam surgir no horizonte.-----

Os valores de Abril, que então floresceram em várias partes do mundo, estão ameaçados, não só em Portugal, mas também em muitas outras regiões.-----

É, por isso, que a Associação 25 de Abril sente necessidade de reafirmar, nesta evocação dos 50 anos do 25 de Abril e na prossecução da sua essência e natureza, que é imperioso assumirmos, com coragem e determinação, a luta pela defesa e manutenção da Liberdade conquistada nessa radiosa madrugada.-----

Liberdade que temos conseguido manter e da qual não abdicamos.-----

Liberdade essencial para prosseguir na sociedade democrática, que almejamos manter e que queremos mais livre e mais democrática, mas também mais justa, igual e solidária, em ambiente de Paz e de Progresso, o que só é possível se for suportada nos valores de Abril.-----

Por isso, reafirmamos **25 de Abril, Sempre!**-----

Viva o 25 de Abril!-----

Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante do Conselho Municipal da Juventude da Figueira da Foz, Eduardo Figueiredo."-----

EDUARDO FIGUEIREDO: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Exm.º Senhor Orador convidado, Exm.ºs Senhores deputados municipais, Exm.ºs Senhores



autarcas, entidades civis, militares e religiosas, Exm.ºs Senhores Convidados.--

O que esperam os jovens de abril?-----

Os jovens não estiveram lá naquele dia e naquele tempo. Não ouviram na rádio 'E depois do Adeus', de Paulo de Carvalho, nem 'Grândola Vila Morena', de Zeca Afonso. Não assistiram à força imparável do povo nas ruas, nem ao gesto simbólico de Celeste Caeiro quando distribuiu cravos vermelhos e brancos pelos soldados, que logo os colocaram nos canos das suas armas. Não sentiram a alegria, o êxtase e a esperança correr-lhe nas veias, após décadas de um regime autoritário ditatorial de inspiração fascista, de polícia política, de «orgulhosamente sós», de colonialismo e guerra, de opressão e repressão generalizadas.-----

Somos as netas e netos do 25 de abril. Somos as filhas e filhos da sociedade livre, justa e solidária de que fala a Constituição da República Portuguesa de 1976, a maior conquista da nossa democracia. A revolução corre-nos nas veias através dos nossos avós e dos nossos pais, dos amigos e amigas, dos vizinhos e vizinhas, dos desconhecidos que nos olham nas ruas e nos sorriem. Somos herdeiros das memórias, das cicatrizes, da coragem e da resistência. Fomos presenteados com a possibilidade de um futuro onde todas as pessoas podem atrever-se a florescer no seio de uma comunidade livre, de iguais na sua diferença, onde a solidariedade é mais do que um valor e uma teoria, é uma *praxis* diária e um modo de vida.-----

É por isso que não esquecemos Abril.-----

Para os jovens, Abril não é apenas um capítulo de um livro de história ou um inspirador romance que narra o caminho de libertação de um povo oprimido das amarras da pobreza, da exploração, do analfabetismo, do conservadorismo, do isolamento, da violência e da morte.-----

Para os jovens, Abril é o compromisso de que nunca mais alguém será submetido a tortura e a tratos cruéis e degradantes, como aqueles que tantas e tantos sentiram na carne, na sede da PIDE/DGS no coração de Lisboa ou nas prisões do Tarrafal ou de Caxias; que nunca mais alguém verá as suas liberdades básicas coartadas em nome de uma suposta razão ou ordem de Estado, como as proibições *ad hoc* de 'ajuntamentos com mais de três pessoas'; que nunca mais alguém associe a cor azul ao lápis impiedoso da censura; que nunca mais nenhuma mulher casada necessite de autorização do marido para viajar para o estrangeiro ou para ter um emprego.-----



Para os jovens, Abril é ter a certeza de que este tempo não volta e que as várias portas que abril abriu se manterão para sempre abertas... abertas não... escancaradas (!), pois foram tantas e tão importantes as conquistas de Abril: o reconhecimento de que todas as pessoas são dignas e merecedoras de respeito, o sufrágio verdadeiramente livre e universal, a liberdade de reunião e manifestação, a liberdade de expressão e de informação, os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras, a liberdade sindical, o fim da família instrumentalizada em função do bel-prazer do «chefe de família», o fim da discriminação legal entre filhos nascidos dentro e fora do casamento, a constitucionalização de um Estado Social que luta para que todos possam ter «paz, pão, habitação, saúde, educação», como tão bem canta Sérgio Godinho.-----

Para os jovens, Abril é futuro - o único futuro que não se teme, o único futuro que se pode verdadeiramente apelidar de futuro e não de passado.-----

Mas os jovens sabem que Abril não é eternidade, Abril é uma responsabilidade de todos os dias. E os jovens sabem que, desde 1974, muito mudou no país, na Europa e no mundo. A Abril, este Abril que hoje cumpre meio século de vida, não de somar-se tantos outros, construídos permanentemente a partir da luta por um modelo de desenvolvimento que respeite os limites planetários e todas as formas de vida; da luta por condições materiais que tornam possível a emancipação dos jovens e de todas as pessoas e assegurem a sua liberdade; da luta pela saúde, pela educação e pela habitação; da luta por carreiras dignas e com perspectivas de futuro; da luta contra o conservadorismo e todas as formas de discriminação; da luta pela paz e pelo fim da 'terceira guerra mundial aos pedaços' a que hoje se assiste.-----

E faça-se o mundo saber que os jovens não se demitem destas suas responsabilidades - eles estão aí, preparados para fazer todas as lutas, por si, pelos seus filhos, pelos seus netos e por aqueles que lhes seguirão.-----

O que esperam os jovens de abril?-----

Os jovens esperam que Abril seja cuidado e regado, para que os cravos que o simbolizam nunca percam a sua cor ou a vejam esmorecer.-----

Os jovens esperam que Abril se cumpra, em todos os locais, em todos os momentos, para todas as pessoas.-----

Os jovens esperam que Abril se faça sentir de Melgaço a Faro; das ilhas nos arquipélagos dos Açores àquelas da Madeira; mas também em todos aqueles locais onde a sobrevivência é uma luta de todos os dias, onde tantas crianças e jovens



veem a sua vida ser-lhes subtraída pela miséria, pela ganância, pela violência e pelo ódio.-----

Os jovens esperam que Abril se faça sentir hoje e amanhã, com a mesma força e o mesmo vigor, como legado que não sofre os efeitos desagregadores da passagem do tempo, mesmo quando tantos procuram, com todas as forças, decretar o seu óbito.-

Os jovens esperam que Abril esteja aqui para todas e para todos: para os que cá estão e para aqueles que foram lá para fora; para aqueles que aqui chegam e para aqueles que se viram forçados a aqui chegar; para aqueles que nos são familiares e para aqueles que nos são estranhos - e, principalmente, para aqueles que nos são estranhos, pois Abril não olha a géneros, a «raças» ou etnias, a orientações sexuais, a identidades de género, a deficiências, a fés e religiões, a condições socioeconómicas.-----

O que esperam os jovens de abril?-----

Os jovens esperam que estes 50 anos de Abril se repitam por mais 50 anos, e por outros tantos depois disso.-----

Os jovens agradecem a quem fez Abril e nunca cessou de o defender e fazer cumprir.-----

Os jovens comprometem-se a conservar Abril como a sua mais preciosa herança e a nunca perder a esperança. A esperança que neste dia, há precisamente 50 anos atrás, venceu o medo. E o medo não voltará a vencer, pois cá estaremos para evitar que alguém logre voltar a furtar-nos a esperança.-----

Viva a Democracia!-----

viva o 25 de Abril!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado municipal Pedro Miguel Jorge.

PEDRO MIGUEL JORGE: "Exm.ºs Srs Presidentes da Assembleia e da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Cumprimento em vossas excelências todos os presentes e quem nos vê à distância nestas comemorações dos 50 anos do 25 de abril de 1974.-----

Entre o passado dia 09 de janeiro e anteontem, 23 de abril, a Conferência de Líderes desta Assembleia, sob proposta do Partido Social Democrata prontamente acolhida pelos outros grupos políticos, teve oportunidade de promover três encontros em escolas do Concelho, com alunos de diferentes idades, para falar e dar a conhecer um pouco desta Assembleia, do poder local e dos 50 anos do 25 de Abril.-----

Enquanto aproveito para saudar e agradecer a todos os participantes pela oportunidade que me deram de participar nestes encontros - a mesa da Assembleia,



os restantes líderes de bancada e os deputados Célia Morais e José Ligeiro, a D. Helena Pereira e todas as senhoras professoras e professores e demais pessoal organizador - lembro que conversámos com centenas de alunos da Escola Secundária c/3.ºCEB de Cristina Torres, do Jardim-Escola João de Deus das Alhadas e da Escola EB1 do Serrado, em Buarcos.-----

Entre alunos que votaram pela primeira vez no passado dia 10 de março ou que ainda o vão fazer no próximo dia 09 de Junho e muitos outros, filhos e filhas de pessoas que não eram sequer nascidas há 50 anos, onde estavam crianças que nem sequer nos perceberam muito bem por terem chegado recentemente a Portugal, e ainda crianças com medidas de inclusão por terem necessidades diferentes das da maioria, tivemos a oportunidade de conhecer e dar a conhecer um pouco do Portugal que emergiu desta data histórica, em contraste com o que existia até 24 de abril de 1974.-----

Foi um exercício de cidadania magnífico, com o traço comum da curiosidade presente em idades tão diferentes, onde se pôde aprender sobre factos tão diversos que vão desde a inexistência de iogurtes e Coca Cola antes do 25 de Abril, até ao método de Hondt e aos círculos eleitorais do país. Está de parabéns esta Assembleia.-----

Estes exercícios de democracia deixaram-me, contudo, a pensar em algo mais abrangente e sobre o qual gostava de deixar uma breve reflexão, e que tem a ver com aquilo que somos enquanto povo - a memória e a identidade.-----

Num tempo em que, ao contrário do que aconteceu na grande maioria dos anos em democracia, uma parte de nós, de quem se diz que está zangada, decidiu vocalizar de forma mais direta e até desassombrada, ideias opostas às que hoje celebramos, não disfarçando mesmo o incómodo que lhes causam estas celebrações - torna-se cada vez mais importante falar com as novas gerações, deixando-lhes um legado dos valores democráticos surgidos de Abril e que nos sustentam a identidade forjada de séculos.-----

É importante fazer-lhes perceber a ligação que existe entre os acontecimentos de há 50 anos e o país que somos hoje.-----

É preciso ter memória para não cair em mentiras e discursos populistas que nos corroem a identidade comum e minam o que tanto custa a construir, em democracia e liberdade.-----

É preciso lembrar sempre que, há exatamente 50 anos, uma quinta-feira como hoje, acordávamos para um país a fazer despontar em si mesmo uma nova alma. Um



arregaçar de mangas, um deitar as mãos ao trabalho, percebendo-se quase de imediato que todos tinham lugar neste novo Portugal que então despontava.-----

E não se perdeu tempo, pois o edifício democrático estava por construir, após décadas de abandono. E fez-se: incluindo todos, mesmo em tempos conturbados de orientações desavindas, organizaram-se eleições livres, elaborou-se uma nova Constituição e elegeram-se assembleias e governos democráticos correspondentes à vontade da maioria.-----

Acolheu-se, de forma exemplar, 600 mil portugueses que viviam nas ex-colónias e que voltaram durante o processo de descolonização, sem praticamente qualquer tipo de conflito social que pusesse em causa o processo de conquistas democráticas em curso.-----

Restituiu-se a dignidade às mulheres, metade da população, através da vivência plena da sua condição, com a remoção de leis discriminatórias e impensáveis de machismo e paternalismo. Criou-se um sistema nacional de saúde universal que é um garante de vida, e retirou-se das trevas do analfabetismo a grande maioria da população portuguesa.-----

Entre aflições económicas e financeiras, conseguimos, em apenas 12 anos, deixar de ser um estado pária na nossa vizinhança europeia ocidental para entrarmos na então Comunidade Económica Europeia, beneficiando dessa integração plena e tornando-nos um estado democrático integrado na sua verdadeira dimensão.-----

Consolidámos a nossa democracia nas décadas seguintes, reforçando o ensino, a saúde e as diversas áreas da nossa vida, combatendo a nossa pobreza endémica e construindo um país onde, qualquer que seja o quadrante político de onde vimos, todos sabemos que a larguíssima maioria dos portugueses vive melhor do que há 50 anos. Que povo extraordinário este!-----

E, no entanto...-----

O que é que explica que, sabendo em momentos decisivos da sua história distinguir entre o essencial e o acessório, conseguindo fazer coisas tão bem e sendo por vezes apontado como exemplo a nível europeu e mundial, Portugal pareça por vezes deitar tudo a perder por se pôr em causa a si próprio?-----

Camões já o sabia: na sua obra maior, canta-nos como «forte gente», que realizou feitos «mais do que prometia a força humana», mas também nos aponta como «gente surda e endurecida», «de uma pátria/ Que está metida/ No gosto da cobiça e na rudeza/ De uma austera, apagada e vil tristeza.».-----

O que explica esta ambivalência? Talvez o facto de, sendo um só povo, termos nas



profundezas da história uma génese múltipla, feita de muitos povos antigos, vindos de diversas partes? Ou será porque gostamos de nos desafiarmos a nós próprios, incessantemente em busca de «um sentir português»?-----

O que quer que seja, torna-nos um caso único de uma gente ao mesmo tempo universal e paroquial, grandiosa e comezinha, otimista em excesso e pessimista em igual medida, sem precisarmos que no-lo digam, pois nós sabemos-lo, até ao fundo do nosso âmago.-----

Será talvez este traço que, nos momentos de maior dificuldade, nos faz por vezes andarmos perdidos em nós próprios, pondo tudo em causa e deixando que se instale no país um clima de revolta e desespero, sem sabermos muito bem porquê, deixando vir ao de cima as piores facetas que temos. Há mais portugueses zangados, sem dúvida. Com mais ou menos razões para isso, uma parte dessa população deixou-se levar por discursos simplistas e mesmo falsos. Só isso pode explicar, por exemplo, a falta de memória de alguns quando abordam o tema dos imigrantes que nos escolhem para viverem uma vida melhor, em paz e liberdade, tantas vezes fugindo da miséria, de perseguições e da guerra. Como é que nos podemos esquecer que somos ainda um país de portugueses que escolhem sair, com a agravante de, nestes tempos, serem maioritariamente quadros qualificados, ao contrário do que acontecia nas grandes vagas de emigração dos anos 60, de fuga à guerra colonial ou apenas à pobreza e à miséria?-----

Não me posso esquecer de um familiar que teve de dormir numa banheira durante os primeiros tempos após a sua chegada a uma «bidonville» dos subúrbios de Paris até conseguir arranjar condições mais dignas, que lhe permitiram posteriormente alojar a sua mulher, que foi empregada de limpeza num aeroporto de Paris. Até regressarem nos finais dos anos 90, depois de anos e anos a enviarem as suas remessas que ajudaram o país nos difíceis anos de finais de 70 e inícios de 80, puderam construir a sua vida, educar as suas filhas e regressarem, gratos por uma reforma que mereceram inteiramente.-----

Não nos podemos esquecer. Quem nos procura participa no esforço do país, sustenta várias atividades económicas, contribui para a sustentabilidade da Segurança Social, exigindo bastante menos em troca, como mostram os números oficiais. Só pedem dignidade e uma vida decente. Não, não nos podemos esquecer. Sempre celebrámos a nossa hospitalidade e, sobretudo, não somos ingratos.-----

É por estas e outras razões que hoje celebramos esta data num momento em que, mais do que nunca, é preciso lembrar o espírito de Abril na sua essência - a



liberdade de sermos nós próprios, com as nossas contradições e divisões, com a sensação muitas vezes lembrada nestas cerimónias, de que Abril está por cumprir. Está, obviamente, pois foi feito por nós. Mas está em nós, também. De cada vez que lembramos versos e poemas de Sophia de Mello Breyner, José Carlos Ary dos Santos e canções como «E Depois do Adeus» e o «Grândola, Vila Morena», estamos a realizar Abril, na nossa vivência única de uma comunidade que constrói o seu futuro dentro do espírito deste dia 25.-----

É nesse sentido de pertença que este dia nos dá que, cada vez que leio Camões, Pessoa, Eça ou Torga, quando contemplo um quadro de Paula Rego, quando oiço os primeiros acordes dos «Verdes Anos» de Carlos Paredes ou a inesquecível voz de Amália a cantar o «Povo que lavas no rio», sei que pertenço – pertenço a um povo tantas vezes perdido nas suas contradições e lamúrias, um povo que não é melhor nem pior que tantos outros povos do mundo, e que se esquece de se lembrar de que tem o seu lugar único nesse mundo, que tantas vezes o aprecia pelas suas imensas qualidades.-----

Caros concidadãos, os acontecimentos de há 50 anos foram o momento fundador da nossa identidade renovada, aquela que soubemos construir a partir da nossa história e cultura de quase nove séculos, corrigindo o rumo de maneira decisiva, um rumo mais consentâneo com o nosso lugar no mundo dos séculos XX e XXI.-----

O 25 de Abril não é o edifício que construímos ou qualquer fortaleza de virtudes para apenas evocar todos os anos. O 25 de Abril é o andaime que nos sustenta na construção diária do nosso destino comum, o chão seguro em que podemos confiar para alcançarmos as tarefas mais difíceis nesse processo de construção da nossa identidade – respeitando os valores democráticos, não deixando ninguém de lado, e sempre, sempre, em liberdade.-----

Hoje e sempre,-----

VIVA O 25 DE ABRIL!-----

VIVA PORTUGAL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada municipal Maria Adelaide Gonçalves.-----

MARIA ADELAIDE GONÇALVES: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, as nossas mais cordiais saudações. Permita-me que, na sua pessoa, cumprimente também todos os que assistem a esta sessão solene.-----

Minhas Senhoras e meus Senhores, ao comemorarmos os 50 anos da revolução de 25 de Abril celebramos o ato generoso e valoroso dos seus capitães que, naquela



madrugada abriu portas à liberdade e à democracia, esse momento maior da história do povo português e do país. Celebramos o esforço heroico da resistência antifascista abnegada dedicação à luta em que o Partido Comunista Português se afirmou como força determinante, luta de comunistas e de outros democratas, luta de massas, luta dos trabalhadores, dos intelectuais, da Juventude, do Povo.-----

Para além das figuras, hoje aqui destacadas, não esquecemos de tantas outras na nossa Cidade, de todos os setores da sociedade, operários, empregados, intelectuais, gente da Cultura e do Desporto que muito contribuíram para essa luta.-----

Na manhã do dia 25 de Abril de 1974, o país foi libertado de uma criminosa ditadura fascista marcada pela repressão pela violência, pelas prisões, pela ausência de básicas liberdades individuais e coletivas, pelo atraso económico, social e cultural, pelo analfabetismo, pela discriminação legal das mulheres, revolução que pôs fim às guerras coloniais com o seu cortejo de milhares de mortos, feridos e incapacitados e ao isolamento internacional do país.-----

Aos construtores da revolução, devemos a liberdade a democracia, o direito de associação e de manifestação, de constituição de partidos políticos, o sufrágio universal e direito a liberdade sindical, o direito à greve, à contratação e negociação coletiva.-----

Devemos a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e do povo, o aumento de salários e pensões, a criação do Serviço Nacional de Saúde universal e gratuito, o alargamento e melhoria da Segurança Social, o direito ao ensino e educação com a promoção de grandes avanços ao seu acesso.-----

Revolução que construiu poder local democrático. Conquistas algumas das quais já amputadas, mas que são essenciais para a vida do povo nos nossos dias e ponto de partida para novos avanços e, por isso, as continuamos a defender erguendo armas contra os que querem levar mais longe a sua destruição, mas também contra a mentira, contra a falsidade de uma raiz escrita da história que desvaloriza Abril.-----

Esses valores de Abril pertença do povo e do indivíduo, os valores da emancipação social, os valores da natureza do Estado concebido para responder aos interesses e necessidades do povo e do país, em oposição à conceção do Estado como instrumento de exploração a favor de uma minoria dos grupos económicos para, pela coerção, perpetuar a exploração.-----



Os valores do desenvolvimento visando a melhoria da qualidade do nível de vida dos portugueses, os valores da dignificação e valorização do trabalho, dos direitos sociais universais, como da Saúde, da Educação, da proteção social, da Cultura, da habitação digna para todos, os valores para a construção de um Portugal mais fraterno e solidário, mais livre, democrático e desenvolvido, os valores da paz, da independência como espaço da nossa liberdade, identidade e soberania.-----

Todos estes valores foram reconhecidos na Constituição da República aprovada em 02 de Abril de 1976 que, apesar das alterações, continua a ser o texto fundamental de orientação política para o país.-----

Hoje, a campanha de depreciação de Abril aproveita este tempo de cinquentenário não só para repisar as linhas contra Abril que vêm do passado, mas para ir mais longe na sua desvalorização. Nas operações contra Abril estão as recorrentes tentativas de secundarizar e diminuir o 25 de Abril como a data inicial fundadora do regime democrático.-----

Os seus inimigos têm o objetivo de recuperar os privilégios perdidos e destruir as principais conquistas da revolução. Querem uma política privatizadora em seu proveito dos recursos e bens públicos essenciais. De facto, a política de direita desenvolvida, ora pelo Partido Social Democrata ora pelo Partido Socialista, levou no que é essencial à defesa dos interesses do grande capital.- Foi por opção política o caminho feito de degradação de todos os serviços públicos essenciais, desde logo pela sua importância, do Serviço Nacional de Saúde.-----

Opções políticas que nos conduziram a problemas que se prolongam no tempo e hoje subsistem. Salários e reformas baixas, empobrecimento de quem trabalha, precariedade laboral, exploração e desigualdade social, graves défices estruturais com relevo para o setor produtivo, destruição das funções sociais do Estado, submissão às grandes potências e aos seus interesses, alto grau de dependência do país, problemas que também no nosso Concelho teimam em não ser resolvidos.-----

Falamos, por exemplo, do problema dos transportes que persistem em não existir, as comportas da Maria da Mata e do Pranto que não são reparadas, as obras hidroagrícolas e emparcelamento do Mondego que não são concluídas, as dragagens que não são feitas onde são necessárias, pescadores que diariamente arriscam a vida numa barra mal concebida e que tantas mortes já causou.-----



Não é Abril que pode ser responsabilizado pelas dificuldades existentes e pelos problemas que o povo enfrenta. Não é Abril que deve ser responsabilizado, mas sim quem governou ao arrepio dos seus valores, destruindo conquistas, fechando muitas portas que Abril abriu. Mas nós continuamos cá!-----

Viva a revolução de Abril!-----

Viva Portugal!-----

25 de Abril Sempre!-----

Fascismo, nunca mais."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado municipal Manuel Rascão Marques.-----

MANUEL RASCÃO MARQUES: "Na pessoa do Senhor Presidente da Assembleia Municipal cumprimento todas as entidades aqui representadas e demais pessoas presentes.---
Exmas. Senhoras e Senhores.-----

Comemoramos hoje os 50 anos do 25 de Abril, um momento transformador da história de Portugal.-----

Não só derrubou um regime autoritário como iniciou uma nova era de liberdade, democracia e esperança num Portugal melhor.-----

A revolução de Abril não foi apenas um ato de coragem militar, mas uma afirmação de valores fundamentais: justiça, igualdade e dignidade humana. São estes valores que devem permanecer como bússolas orientadoras do nosso caminho, rumo a um futuro mais inclusivo e justo.-----

Com o 25 de Abril, houve 10 grandes conquistas:-----

1 - Universalidade e igualdade dos direitos e deveres de todos os cidadãos-----

Diz a lei: *«ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social»*, Art.º13.º.-----

Decorridos 50 anos, isto verifica-se? Temos observado nos últimos tempos, esta conquista a ser atacada. Com o crescimento do radicalismo político de direita e de esquerda, fundamentalismo religioso, com as redes sociais a destilarem ódio sem a devida responsabilização.-----

As sequelas das guerras, a falta de recursos da população e uma comunicação social deficitária que, ou nos mostra o mau, o terror ou transmite o que o poder de momento pretende, seja a nível nacional, regional ou local.-----

2 - Liberdade de expressão, de associação e de participação na vida pública-----



Diz-nos o art.º.37.º da Constituição «todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de se informar, sem impedimento nem discriminações».---
Mais uma importante conquista de Abril, mas como anteriormente afirmei, necessitamos de uma comunicação social, menos sensacionalista e mais plural, transmitindo as opiniões de quem tem o poder, mas também de quem está na oposição. Assim se cumprirá Abril! É importante a opinião de todos!-----
Os art.ºs 46.º;47.º e 48.º da Constituição, garantem «a liberdade de associação, de participação em associações e partidos políticos e de tomar parte na vida política e na direção dos assuntos políticos do país, diretamente ou por intermédio de representantes livremente eleitos».-----
O 25 de Abril trouxe-nos a liberdade de escolher os nossos representantes através do Voto. Infelizmente, ainda há demasiada abstenção, o que reflete que os portugueses ainda não perceberam a importância do voto, o poder que ele tem subjacente.-----
É bom lembrar que se não houvesse o 25 de Abril, não haveria o poder local, democrático, não estaríamos aqui hoje nesta Assembleia Municipal extraordinária, ouvindo os representantes de cinco Partidos políticos, cada um com a sua sensibilidade, mas todos com a vontade de fazer o seu melhor pelo Concelho e consequentemente, por Portugal!-----
Este é o poder mais próximo das pessoas, que tem permitido o desenvolvimento das Freguesias e dos Concelhos.-----
Pode e deve ser melhorado. Depende de todos nós, mas principalmente da Assembleia da República.-----
A legislação autárquica, no meu modesto entendimento, há muito que deveria ser revista. A lei deve ser dinâmica, adaptada à realidade do momento.-----
Decorridos estes anos, parece-me ser do entendimento geral dos deputados municipais, que as Assembleias Municipais terão que ter um maior poder fiscalizador. Do mesmo modo, a eleição para o executivo municipal deveria ser feita nos moldes do governo da nação, o que me parece mais motivador e mais responsabilizador da sua atividade. Sinceramente, não vejo a relevância da existência de vereadores da oposição, sem qualquer pelouro e simultaneamente sem grandes meios de fiscalização.-----
Haja a coragem de, pelo menos, se discutir nos fóruns competentes, estas e outras ideias que com certeza existem.-----



3 - Serviço Nacional de Saúde (SNS) -----

O Serviço Nacional de Saúde, foi uma das mudanças mais profundas e relevantes na sociedade portuguesa pós 1974.-----

Antes do 25 de Abril a assistência médica não era acessível a todos, havia muita mortalidade infantil. Passámos a ter um Serviço Nacional de Saúde, para todos, tendencialmente gratuito.-----

Pretendia-se que houvesse mais proximidade e acessibilidade.-----

Esta conquista, devido a más decisões de quem tem governado o país, tem sido mal tratada.-----

É urgente e necessário que cada português tenha um médico de família, que as unidades de saúde trabalhem permanentemente, que não encerrem por falta de pessoal, quer sejam assistentes operacionais, quer sejam enfermeiros ou médicos. A saúde tem que ser uma prioridade!-----

4 - Educação-----

O fim da ditadura democratizou a educação!-----

Antes do 25 de Abril, a taxa de analfabetismo era muito elevada. Poucas mulheres estudavam, e a maioria dos alunos eram de famílias abastadas.-----

Hoje, felizmente, não é assim. Todos os jovens têm acesso à escola, independentemente do seu sexo ou condição social. Apesar de termos ainda um elevado número de abandono escolar, temos também um aumento do número de alunos no ensino superior, o que enriquece o país.-----

Mas temos que melhorar, nomeadamente no ensino superior, dando mais condições aos estudantes deslocados, nomeadamente ao nível do alojamento, para que esta questão não seja um fator de abandono dos estudos universitários. Todos merecem ter as mesmas condições para se licenciarem, e Portugal só engrandece e evolui, com os seus jovens bem preparados.-----

5 - Justiça-----

Com o 25 de Abril, verificou-se a consagração constitucional e legal dos direitos e liberdades fundamentais, não só no plano civil mas também na área social e laboral.-----

Revogaram-se as regras que fixavam uma personalidade jurídica das mulheres, reconheceu-se a igualdade dos cônjuges e acabou-se com a figura dos filhos ilegítimos.-----

Criou-se o Ministério Público e a democratização do acesso dos cidadãos à justiça e do funcionamento da justiça, sendo certo que o recurso à justiça é



ainda, demasiado caro para os cidadãos, o que se lamenta nos dias de hoje.-----
O 25 de Abril permitiu o acesso das mulheres à magistratura.-----
O quanto isto é importante e deve ser realçado, uma vez que permite a igualdade de acesso das mulheres a cargos de decisão. Algo a reter para quem prefere os «valores de antigamente».-----
6 - Acesso ao emprego e direito ao trabalho e à greve-----
A Constituição consagrou que todos têm o direito ao trabalho, o direito de escolher livremente a profissão e devem ter uma retribuição condigna.-----
Devem ter condições de higiene e segurança, e acesso ao repouso e lazer.-----
Foi ainda reconhecido aos trabalhadores a liberdade sindical, o direito à contratação coletiva, o direito à greve. Proibiram-se também os despedimentos sem justa causa ou por motivos políticos ou ideológicos.-----
Aqui está mais uma conquista que tem que ser mantida! É urgente que os trabalhadores tenham um salário médio digno, que os motive, juntamente com outras medidas, a produzir mais, contribuindo para o desenvolvimento do país.---
7 - Salário mínimo nacional e subsídio de desemprego-----
Criou-se o salário mínimo nacional, instituiu-se o pagamento da pensão social para pessoas que nunca tinham descontado para a Previdência e o subsídio de desemprego.-----
Nada disto existia antes!-----
8 - Férias e licenças-----
Foi consagrado o direito a férias, com o pagamento do respetivo subsídio. Foi também instituído o 13.º.mês, o chamado subsídio de Natal, bem como o acesso à licença de maternidade.-----
9 - Redução do horário de Trabalho-----
Passaram-se das 48 horas de trabalho semanal, obrigação existente antes do 25 de Abril, para as 44 horas numa primeira fase, sendo que hoje estamos nas 35 horas de trabalho semanal.-----
10 - O fim da guerra colonial-----
Foram estas as 10 grandes conquistas de Abril de 1974.-----
Muito há a fazer, melhorar, transformar! Depende de todos nós!-----
Comemoramos hoje a Liberdade, que é um conceito complexo e multifacetado, muitas vezes definido de diferentes maneiras, dependendo do contexto cultural, político e filosófico.-----
Em termos gerais, liberdade refere-se à capacidade de agir, pensar ou expressar-



se sem restrições ou coerção.-----
Isto pode incluir a liberdade política (como direitos civis e liberdade de expressão), liberdade pessoal (autonomia individual e escolha) e liberdade social (igualdade de oportunidades e participação na sociedade).-----
Foi por isto que homens e mulheres lutaram, sofreram e morreram. Compete-nos a nós e às gerações vindouras, não deixarem que haja regresso ao passado e que se consolide e revigore a democracia em Portugal.-----

Com disse o escritor norte-americano William Faulkner: «Devemos ser livres não porque reivindicamos a liberdade, mas porque a praticamos.»-----

Viva o 25 de Abril!-----

Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada municipal Rosa Costa Reis.----

ROSA COSTA REIS: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal na sua pessoa cumprimento todos os presentes.-----

Não quero também, nesta celebração tão especial deixar de saudar todos aqueles «que por obras valerosas se foram da lei da morte libertando», e que de alguma forma foram presentes no caminho difícil que permitiu a madrugada de Abril que hoje honramos no seu cinquentenário. Permitam-me que inicie a minha curta intervenção com um poema de José Jorge Letria:-----

«O dia da Liberdade»-----

Este dia é um canteiro-----

Com flores todo o ano-----

e veleiros lá ao largo-----

Navegando a todo o pano.-----

E assim se lembra outro dia febril-----

Que em tempos mudou a história-----

Numa madrugada de Abril,-----

Quando os meninos de hoje-----

Ainda não tinham nascido-----

E a nossa liberdade-----

Era um fruto prometido,-----

Tantas vezes proibido,-----

Que tinha o sabor secreto-----

Da esperança e do afecto-----

E dos amigos todos juntos-----



Debaixo do mesmo tecto.-----
E é aos meninos de hoje, Mulheres e Homens de amanhã que é necessário lembrar que devem lutar para conhecer a cor da Liberdade.-----
No país escuro de antes do 25 de Abril só era permitido sonhar e mesmo assim baixinho..., nem os avós nem os pais realizavam o desejado futuro para os seus.---
Mas o país rasgou-se em cravos de Abril e hoje sonhamos alto e construímos um país mais livre e mais preparado para os desafios do futuro dos que aqui nascem e para os que os que nos procuram para terem paz e liberdade.-----
Apesar da conjuntura mundial e nacional apela-se a uma participação mais ativa da juventude quer em partidos de ideologia, em associativismo, em organizações cívicas e outros movimentos. A liberdade de expressão que tanto custou a conquistar deve efetivamente levar os jovens a dignificar e cimentar a luta das Mulheres e Homens de Abril não descurando os vossos direitos e deveres.-----
Aos cidadãos de uma forma geral e aos políticos em particular incumbe a missão de permitir que continuemos a celebrar Abril sem atropelos nem ameaças à Liberdade.-----
A Figueira a Primeira como movimento de Cidadãos tudo fará e colaborará para que na Figueira da Foz se vivam sempre as conquistas de Abril.-----
VIVA o 25 de Abril!-----
Viva a Liberdade!"-----
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada municipal Célia Silva Moraes.-
CÉLIA SILVA MORAIS: "Digníssimo Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte Pereira, cumprimento em si todos os presentes.-----
Eu não era no 25 de Abril!-----
Eu sou filha de Abril!-----
Nunca são demais as palavras de agradecimento àqueles que, com planeamento, estratégia, coragem e dedicação a Portugal, lutaram pela soberania do Povo Português, há 50 anos atrás, nessa data fundadora da Democracia.-----
O termo do regime do Estado Novo, abriu caminho para a resolução do problema da Guerra Colonial e lançou os alicerces da democratização e do desenvolvimento do país.-----
E são tantas as conquistas...-----
Como eu, homens e mulheres passaram a ter oportunidade de crescer num mundo de escolhas livres.-----
Eu tive oportunidade de estudar numa escola plural e ainda continuo a estudar,



não tendo os meus horizontes limitados como foram os da minha mãe, que fez a quarta classe numa escola só de meninas e muito nova teve que ir trabalhar.-----
Eu, como mulher, tenho oportunidade de escolher o que quero, porque quero.-----
Como eu, as mulheres vêm assumindo o leme. Exercendo papéis principais e decisórios para elas e para outrem, construindo também um caminho árduo pela igualdade.-----
São tantas as conquistas...-----
Novas visões, novas filosofias, novos partidos e o voto, o voto: o grande poder de cada um e de todos.-----
Novos serviços universais: o direito à justiça, o direito à educação, o direito à saúde, o direito ao apoio social...-----
Estes serviços são o garante da manutenção e da regulação do exercício do direito dos cidadãos.-----
Construímos com eles, novos e crescentes indicadores sociais, nomeadamente na qualidade e esperança de vida.-----
Destas conquistas e de entre outras personalidades, cito dois socialistas pela sua argúcia no combate pela liberdade e pela sua capacidade agregadora:-----
Mário Soares, homem plural, inigualável, que considerava as divergências como salutareis e enriquecedoras politicamente. Soares defendeu e lutou pela manutenção de forças da direita e da esquerda, mesmo quando foi internacionalmente incentivado a anular o Partido Comunista Português. É um saber a democracia, um exemplo.-----
António Arnaut, o pai do Serviço Nacional de Saúde que, mesmo antes de falecer, preparou um discurso para apresentar num Congresso em Coimbra, em que apelava para a necessidade de se reverter a sentida destruição das carreiras profissionais, em particular na saúde, porque sabia que a desvalorização do capital humano é um bloqueio ao desenvolvimento e o melhor caminho para a destruição dos Serviços Públicos.-----
Nestes dois exemplos e nas vivências atuais, percebemos que as ameaças continuam a circular por aí.-----
Os medos de Soares e Arnaut também são os nossos medos.-----
Por isso, como eles, temos que continuar a lutar para garantir:-----
A continuidade da democracia-----
A qualidade da democracia-----
O aperfeiçoar da democracia e o desenvolvimento dos cidadãos-----



O investimento nos trabalhadores como investimento no país.-----
Hoje, os falsos pregadores transformam a azinheira eternizada por Zeca Afonso numa bananeira onde descansam e têm fileiras a apregoar por eles, como sorvedouros de garantias, mas sem quaisquer valores.-----

Lutemos contra isso!-----

O uso dos meios de comunicação para veicular discórdias, o tempo de antena permitido à deturpação da democracia e o alimentar das injustiças sociais põe em causa o garante da soberania almejada pelo povo.-----

Lutemos contra isso!-----

A Liberdade está institucionalizada sim, mas é condicionada pelos novos poderes financeiros ou de outros tantos interesses difusos.-----

E a liberdade valida-se diariamente:-----

- nas desigualdades, nas filas de espera, na exposição sob falsidade, no isolamento e na imparidade entre o litoral e o interior, na falta de teto, no ambiente, na juventude...-----

- e nos olhares de esperança dos adultos e dos idosos.-----

Lutemos pelo Poder Autárquico Local, cuja ligação à cidadania é o primeiro patamar para o exercício democrático e a força motriz capaz de alavancar os sonhos de cada um e transformá-los em desafios globais!-----

Nos seus 50 anos importa comemorar Abril, mas importa exortar a todos a necessidade de perpetuar os seus valores e a manutenção dos alertas de que nada é garantido, é preciso esforço para manter Abril. É preciso alimentar Abril!----

Nesta honra que me foi concedida pela minha bancada do Partido Socialista, dizer que estes últimos meses foram ímpares e eu sou grata por isso.-----

Participar no grupo de líderes na organização das Comemorações do 50.º aniversário do 25 de Abril na Figueira da Foz, além de honroso é ao mesmo tempo um processo de aprendizagem. É com este exemplo de trabalho plural, que enaltecemos a Assembleia Municipal e o Concelho da Figueira da Foz.-----

Bem-haja a todos!-----

Viva o 25 de Abril!-----

Viva a Democracia!-----

Viva a Liberdade!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao Presidente da Câmara Municipal.-----

PRESIDENTE DA CÂMARA: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte Pereira, Exm.º Orador convidado. Professor Doutor João Calvão da



Silva, Exm.º Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Góis Moço, Exm.ºs Membros da Mesa, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Senhores Convidados, membros do Conservatório David de Sousa e das filarmónicas que aqui atuam, a todos quero saudar.-----

50 anos do 25 de Abril! Que fique claro - adoro a liberdade!-----

Nesse sentido, grato ao 25 de Abril. Mas neste ano 2024, por não gostar de ser cínico, não sou capaz de fazer um discurso de alegria.-----

Estou profundamente triste com a situação a que o país chegou, mas quero saudar todos os figueirenses na figura cimeira do patriarca da liberdade, Fernandes Tomás, como quero saudar todos os que daqui partiram na madrugada libertadora. A Figueira da Foz e esta região Centro têm, como é sabido, especiais credenciais nos movimentos de oposição ao regime anterior. E lembro também o Congresso de Aveiro celebrado antes do 25 de Abril.-----

Como estamos hoje? Para além das estatísticas bem reveladoras de progresso social nos nascimentos, nas qualificações, na esperança de vida, embora também com o acentuadíssimo envelhecimento da população.-----

Lembram-se seguramente dos 3 Ds. Dois estão genericamente cumpridos. O terceiro só em parte, o do desenvolvimento. Diria até que, em vários domínios, regrediu. - Estão cumpridos o da democracia e o da descolonização.-----

E pensemos: qual é a quinta letra do nosso alfabeto, depois do D que é a quarta? Como sabemos, 50 anos depois do 25 de Abril, mantendo sempre os três Ds, deveríamos passar a três Es.-----

Ética, Educação e Especialização. Cada um fará a sua avaliação do estado em que está o país, em que está o seu Concelho, em que está a sua Região.-----

Por mim, como já disse, o que vejo a nível nacional causa-me profunda tristeza. Pergunto-me todos os dias: o que aconteceu a toda esta gente? O que se está a passar? Parece que depois da pandemia se gerou, em Portugal e no mundo, uma perturbação coletiva.-----

A propósito da letra E quero também falar de Esperança, neste caso para a Figueira da Foz.-----

Estou plenamente convencido de que o presente e o futuro serão muito melhores do que o seu passado. A população cresce, dezenas de nacionalidades juntam-se à nossa comunidade, um novo e prestigiado Campus Universitário nasce, novas empresas e grandes investimentos batem-nos à porta, os lotes da área de expansão



da Zona Industrial voam, a acessibilidade marítima melhora e qualifica-se trabalhando o Porto, a sua Administração e a Câmara também na futura Marina e no futuro Terminal de Cruzeiros.-----

A acessibilidade aérea está em processamento e as novas linhas ferroviárias em fase de arranque. Novos hotéis nascem e mais estão a caminho.-----

Por outro lado, elevados investimentos em escolas correspondendo ao seu excelente trabalho, nomeadamente, em centros de altas tecnologias, construção, reabilitação de centros de saúde também graças aos fundos europeus, proteção, recuperação e valorização do nosso património, construção a partir deste ano de muitas habitações a custos acessíveis, são sementes de futuro.-----

Para a esperança ser fundada há que tomar as decisões devidas e no tempo certo. Um exemplo é este Centro de Artes e Espetáculos. Podemos estar aqui hoje, nesta sessão solene e todos os dias aqui podem sorrir crianças, jovens, adultos e idosos de cá e de fora, porque um dia se tomou essa decisão.-----

Aqui atuaram, há pouco tempo, a Orquestra Sinfónica Nacional, a Companhia Nacional de Bailado, aqui veio à cena Madama Butterfly pelo Teatro Nacional de São Carlos. Aqui atuam, como acontecerá hoje, Filarmónicas, Coletividades e Companhias de Teatro de grupos do nosso Concelho.-----

Também isso é cumprir o terceiro D, mas falta o terceiro E, o da especialização. É o que permite a competitividade que cá fixará os nossos jovens e permitirá melhorar o rendimento individual e coletivo.-----

Apesar de tudo, apesar de tudo, acreditemos! Não é fácil!-----

Os regimes pensam sempre que nunca caem e até as democracias às vezes caem, mesmo para serem substituídas por outras democracias.-----

Cumpramos Abril na Figueira da Foz e na nossa Região e, naturalmente, também no nosso querido Portugal!-----

Viva a liberdade!-----

Viva a paz!-----

Viva a Figueira da Foz!-----

Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Reitero os cumprimentos iniciais.-----

50 anos de liberdade da Palavra. 50 anos do Dia Puro. 50 anos da revolta silenciosa. 50 anos de canhões e cravos.-----

Lembro-me muito bem do 25 de Abril de 1974 como se fosse hoje. Era um jovem, à época professor na Escola Bernardino Machado. Lembro-me que quinta-feira, arádio



que, obrigatoriamente, ligava mal acordava, só passava marchas militares. Lembro-me de achar estranho e de o ter comentado com a primeira colega que encontrei quando entrei na escola. A própria, jovem como eu, demonstrava a mesma estranheza. Entrou, então, na sala onde estávamos, a sempre estimada figueirense e professora Teresa Coimbra, politicamente mais experiente do que nós e de lhe termos perguntado se percebia o porquê de na rádio só se ouvirem marchas militares. Respondeu-nos: «Meus caros, não sei, mas não se preocupem com isso!». Continuámos a cumprir as nossas tarefas profissionais até que fomos subitamente informados do que acontecera. Recordo-me das gentes que, num ápice, saltaram para as ruas da cidade, recordo-me de querermos estar em todos os lugares, sem sabermos em que lugar estávamos ao certo porque a falta de informação precisa e concreta colocava-nos uma série de questões que gostávamos de ver respondidas.-- Recordo as vozes que entoavam frases repetidas em uníssono, os olhares que não falavam, mas sorriam, os abraços dados a amigos e a gente desconhecida... éramos muitos, todos unidos em prol da LIBERDADE, finalmente anunciada, finalmente conquistada.-----

De entre as frases mais emblemáticas de Abril, recordo uma que ainda hoje ecoa nos meus ouvidos, dita por uma cidadã, então sénior, que connosco desfilava pelas ruas da cidade: «A chuva é do povo, abaixo os telhados».-----

Sinto-me um privilegiado por ter vivido e sentido esses tempos. Com o passar dos dias e dos meses, a história da preparação desse «dia inteiro e limpo» foi-nos sendo contada.-----

Foram tempos intensos e exigentes, lembro-os como as dores de parto da democracia, vividas por todos os que se entregaram à política, sem interesses pessoais, apenas e só com o objetivo de definir rumos capazes de abrir os horizontes deste País, do nosso Portugal.-----

Obrigado por há 50 anos terem conseguido cumprir Portugal!!!-----

Deste dia puro, nasceu todo um manancial que inundou Portugal - contenção nas divisões entre classes sociais, transversalidade das pensões de reforma, Serviço Nacional de Saúde (vacinação geral das crianças, o recuo da tuberculose e do raquitismo), escola pública gratuita de qualidade, consolidação de vencimentos, proteção na velhice...-----

Do «dia inteiro e limpo» até à contemporaneidade, a história tem sido feita de muitas estórias. O momento marcante do nascimento da democracia portuguesa deu, desde então, início a um caminho de profundas transformações económicas, sociais



e culturais.-----

Em vez de utilizar a comumente usada expressão «nem tudo foram rosas», direi «nem tudo foram cravos», «nem tudo, hoje, são cravos».-----

Dos meus quase 82 anos de vida, 11 dos quais a servir esta Assembleia, não me assumo como um «Velho do Restelo», apenas como um ser que muito prezava ver, nos nossos dias, um mundo mais calmo, mais sereno, que tivesse tido a capacidade de aprender com momentos menos bons do panorama mundial.-----

Fomos em tempos acometidos por uma guerra - Covid - que nos impossibilitou de nos reunirmos neste dia e nos aprisionou nas nossas próprias casas, privando-nos do abraço, do beijo, do rosto do outro... uma guerra com muitas perdas e nefastas consequências. Incrivelmente e desumanamente esquecida, inicia-se um cenário de guerra bélica que continua a entrar diariamente nas nossas casas e a repercutir-se na nossa vida, a nível nacional e internacional. Primeiro Rússia-Ucrânia, depois Israel-Hamas..., sem que «haja luz ao fundo do túnel»...-----

Contextos violentos onde. Em pleno século XXI, a Palavra não ajuda a saná-los, com repercussões a nível mundial. Conflitos que chamaram e chamam a atenção para as fragilidades de países europeus, como é o caso do nosso Portugal. Os riscos de segurança agravados em que está o continente levam-nos a temer, sem o querermos, no pior. Guerra Nuclear, crescendo de ideologias xenófobas são ameaças reais, que há uns quantos anos não passavam de realidades ficcionadas, vistas e sentidas em filmes e séries televisivas...-----

Obstáculos, cercas e abismos estão ao nosso redor... mais do que nunca é hora, hora de nos apoiarmos, de nos redescobriremos nas curvas, encontrando nas quedas mecanismos de superação em prol de um direito que é de todos: a Liberdade.-----

Caríssimos, ilustres convidados e jovens aqui presentes, o futuro é de todos, mas sobretudo de vós, os mais jovens. A mim a promessa de que irei, no dia a dia da minha vida, continuar a deixar sempre plantada, por onde quer que passe, o cravo cinquentenário da Liberdade, da aceitação da diferença, das distintas ideologias sempre em prol do nosso, mas sobretudo vosso futuro: revivendo a cada dia o reencontro de Portugal com a Liberdade!!!-----

Viva o 25 de Abril!-----

Viva o Concelho da Figueira da Foz!-----

Viva Portugal!-----

Por fim, gostaria de fazer os agradecimentos que o dever de sermos gratos se nos impõe.-----



Desde logo, aos órgãos sociais da Sociedade Filarmónica Paionense, na pessoa do seu Presidente Sérgio Bastos, dizendo-lhes que foram inexcedíveis de atenção e trabalho.-----

Ao Senhor Maestro José Ricardo e Senhoras e Senhores Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Paionense.-----

Ao Senhor Maestro Vitor Ferreira e Coralistas do Coral David de Sousa.-----

À Senhora Nathalie Gal e ao Senhor Hilton Costa, docentes do Conservatório de Música David de Sousa, que teremos o prazer de ouvir a seguir.-----

A todos os que intervieram pelo uso da palavra, mas também aos que connosco partilharam a ausência da palavra - o silêncio que honrou e dignificou com elevação e excelência esta nossa Sessão Solene comemorativa do 50.º Aniversário do 25 de Abril.-----

Aos Bombeiros Sapadores e Voluntários que fizeram a guarda de honra na cerimónia do hastear da bandeira.-----

Ao Dr. Pedro Gouveia Lopes, ao Rogério Carmelino (Bigas), à D. Helena, ao Departamento de Obras Municipais e Ambiente na pessoa do Eng.º Valter Rainho, das Eng.ªs Elisabete Eulálio, Paula Pereira e Eng.º Tiago Reis, ao Encarregado Operacional António Manuel, ao Gabinete de Comunicação da Câmara, na pessoa do Senhor Eduardo Oliveira e Natércia Simões, à Dr.ª Margarida Perrolas, e aos trabalhadores do Centro de Artes e Espetáculos, na pessoa da Dr.ª Ana Paula Cardoso, Sr.ª Virgínia Espadinha, ao Sr. Jorge Portulez e a todos os elementos da equipa técnica de som, que entre si colaboraram na preparação desta cerimónia.-----

A todos os presentes, um profundo reconhecimento, por se terem associado a nós, nestas Cerimónias Comemorativas do 50.º Aniversário do 25 de Abril.”-----

De seguida, o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Santana Lopes, procedeu à entrega dos prémios aos vencedores do Concurso «O que representa para mim o 25 de Abril de 1974», que consistiu numa viagem ao Parlamento Europeu.-----

Seguiram-se as atuações do Coral David de Sousa, de Nathalie Gal (Soprano) e Hilton Costa (Violino), docentes do Conservatório de Música David de Sousa, após o que a Filarmónica da Sociedade Filarmónica Paionense interpretou o Hino da Cidade da Figueira da Foz.-----

E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia Municipal declarada encerrada a sessão eram treze horas, da qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a todos os membros da



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 3 da Sessão Extraordinária de 25-04-2024

Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----